

Archivo Monjas

1. Juana Inés de la Cruz (1648-1695)

En que da moral censura a una rosa , y en ella a sus semejantes

Rosa divina que en gentil cultura
eres, con tu fragante sutileza,
magisterio purpúreo en la belleza,
enseñanza nevada a la hermosura.

Amago de la humana arquitectura,
ejemplo de la vana gentileza,
en cuyo ser unió naturaleza
la cuna alegre y triste sepultura.

¡Cuán altiva en tu pompa, presumida,
soberbia, el riesgo de morir desdeñas,
y luego desmayada y encogida

de tu caduco ser das mustias señas,
con que con docta muerte y necia vida,
viviendo engañas y muriendo enseñas!

Primer Sueño

Piramidal, funesta, de la tierra
nacida sombra, al Cielo encaminaba
de vanos obeliscos punta altiva,
escalar pretendiendo las Estrellas;
si bien sus luces bellas
--exentas siempre, siempre rutilantes--
la tenebrosa guerra
que con negros vapores le intimaba
la pavorosa sombra fugitiva
burlaban tan distantes,
que su atezado ceño
al superior convexo aun no llegaba
del orbe de la Diosa
que tres veces hermosa
con tres hermosos rostros ser ostenta,
quedando sólo o dueño
del aire que empañaba
con el aliento denso que exhalaba;
y en la quietud contenta
de imperio silencioso,
sumisas sólo voces consentía
de las nocturnas aves,
tan oscuras, tan graves,
que aun el silencio no se interrumpía.

Procura desmentir los elogios que a un retrato de la poetisa inscribió la verdad, que llama pasión

Éste que ves, engaño colorido,
que, del arte ostentando los primores,
con falsos silogismos de colores
es cauteloso engaño del sentido;

éste en quien la lisonja ha pretendido
excusar de los años los horrores
y venciendo del tiempo los rigores
triunfar de la vejez y del olvido:

es un vano artificio del cuidado;
es una flor al viento delicada;
es un resguardo inútil para el hado;

es una necia diligencia errada;
es un afán caduco, y, bien mirado,
es cadáver, es polvo, es sombra, es nada.

En que satisfaga un recelo con la retórica del llanto

Esta tarde, mi bien, cuando te hablaba,
como en tu rostro y en tus acciones vía
que con palabras no te persuadía,
que el corazón me vieses deseaba.

Y Amor, que mis intentos ayudaba,
venció lo que imposible parecía,
pues entre el llanto que el dolor vertía,
el corazón deshecho destilaba.

Baste ya de rigores, mi bien, baste,
no te atormenten más celos tiranos,
ni el vil recelo tu quietud contraste

con sombras necias, con indicios vanos:
pues ya en líquido humor viste y tocaste
mi corazón deshecho entre tus manos.

Segundo volumen de las obras de soror Juana Inés de la Cruz ... Sevilla, 1692.

2. Violante do Céu (1602-1693)

Romance A Christo crucificado, na agonia da morte.

Aqui, Senhor, donde a vida
entre diversos contrarios,
mais que dos males presentes,
morre dos erros passados.

Aqui, donde me executam
memorias daqueles anos
para o viver tão ligeiros,
para o morrer tão pesados.

Aqui, donde a mesma culpa
he hoje o maior tirano
dum coração, que os delitos
sente muito mais que os danos

Aqui donde já fenecem,
por decreto soberano,
entre as certezas dum logo
as incertezas dum quando.

Aqui, donde meus sentidos
estão já tão perturbados,
que com proprios desacertos
são alheios desenganos.

Aqui, donde não me valem
animos afeiçoados,
afetos compadecidos,
remedios extraordinarios.

Aqui, donde, enfim, me vejo
tão perto do fim que aguardo,
que parece o dividido
o mesmo que o vinculado.

Aqui, Senhor, vos confesso
verdades, que neste passo
nem dependem de artificios,
nem participam de enganos.

E se bem o referi-las
he para vós escusado,
pois como Lince divino,
vedes o interior humano:

Quero que os ultimos ecos
da voz, que apenas desato,
chegando a vossos ouvidos
vão acabar no mais alto.

Quero também que meus erros
(antes que do mortal letargo)
se ofenderam cometidos,
lisongeiem confessados.

Eu sou aquele portento
de culpas, aquele raro
escândalo da virtude,
estímulo do pecado.

Sou aquela ingrata Esposa,
que nesse madeiro sacro,
observando mal três votos,
vos pôs de novo três cravos.

Sou a que por desconforme
na vida, & habito santo,
o que vai do branco ao negro,
foi de mim ao negro, & branco.

Sou aquella que devia
por respeitos duplicados
ser a que não tem sido,
pois sendo nada fui tanto.

Sou a que das mesmas partes
com que ornastes este barro
fiz armas para ofender-vos,
fiz setas para frechar-vos.

Sou a que a vós preferindo
qualquer lisonjeiro aplauso,
fiz credito do defeito,
fiz gloria do mesmo dano.

Sou a que tão esquecida
vivi do que estou passando,
que me usurpei aos rigores,
& me entreguei aos regalos.

Sou a que furtando o tempo
às obrigações do estado,
dei a ignorantes discursos
talvez assuntos profanos.

Sou a que o nome de necia
pudera só ter logrado,
porque fiz caso das sombras,
& das luzes não fiz caso.

Sou a que excessivamente
lágrimas esperdiçando,
chorei por haver sentido,
mas não por haver pecado.

Sou a que a vossas verdades
antepondo o mesmo engano,
fui de perigo em perigo,
& de naufragio em naufragio.

Sou quem, se mais tempo fora,
mais pecara, que os pecados
só em mim ao excessivo
o sucessivo igualaram.

Sou quem já deixa de ser,
sou quem, sendo a que relato,
não tenho no delinqüido
a desculpa do ignorado.

Porem se pelo que sou
me estremeço, & me acobardo,
me desalento, & me assombro,
me confundo, & me desmaio;

Pelo que sois, Rei divino,
animo recebo tanto,
que basta só o animoso
a restaurar o animado.

Sois que, por dar confianças
a temerosos reparos,
quis nascer entre dois brutos,
quis morrer com dois culpados.

Sois quem por maior fineza
quis uma porta no lado
para recolher suspiros,
para conceder amparos.

Sois quem me está prometendo
com esses abertos braços
mais favores, que castigos,
mais vencimentos, que estragos.

Sois finalmente quem sois,
& sois o mais empenhado
em que me salve, pois fostes
quem por salvar-me fez tanto.

Vosso sangue foi o preço
de meu eterno descanso:
vede se he justo que perca
o que vos custou tão caro?

Juiz sois da minha causa,
mas Juiz apaixonado,
pois vossa Paixão divina
é quem se opõe a meus danos.

Mas se contudo quereis
valias para o despacho,
a maior para convosco
é a Rainha dos Anjos.

Ela foi, divino Amante,
quem vos vestiu de encarnado,
para que em defesa minha
saísseis melhor a campo.

Ela é quem me promete
neste mar, em que me embarco,
felice maré de rosas
com as rosas do Rosário.

Ela, enfim, vos peça ou mande,
se também pode mandar-vos,
& como Mãe ter imperio
em que impera nos Astros,

Que perdoeis tantos erros,
pois ainda que são tantos,
vem a ser pequenos rios
com piedades Oceanos. [...]

Mas já, dulcíssimo Esposo,
a morte me põe embargo,
e é força que com o vivo
feneça o articulado.

Já se desfaz esta escuma,
já se desfolha este ramo,
já se apaga esta candeia,
já se desata este laço.

Já não posso dizer mais,
senão que creio, que amo,
que adoro, que me encomendo
a IESUS crucificado.

A um doutor que chamou à autora, em uns versos que lhe fez, viola (flor e instrumento).

Contradizer a um Doutor
bem sei que é temeridade;
porém com uma verdade
quero pagar um louvor.
Nem instrumento, nem flor
sou, porém se o posso ser,
ninguém trate de emprender
o que não há de alcançar:
pois nenhum me há de tocar,
pois nenhum me há de colher.

A um desengano Soneto

Será brando o rigor, firme a mudança,
Humilde a presunção, vária a firmeza,
Fraco o valor, covarde a fortaleza,
Triste o prazer, discreta a confiança.
Terá a igratidão firme lembrança,
Será rude o saber, sábia a rudeza,
Lhana a ficção, sofisticada a lhaneza,
Áspero o amor, benigna a esquivança.
Será merecimento a indignidade,
Defeito a perfeição, culpa a defesa,
Intrépido o temor, dura a piedade.
Delito a obrigação, favor a ofensa,
Verdadeira a traição, falsa a verdade,
Antes que vosso amor meu peito vença.

A um retrato Soneto

Vive no original deste treslado,
que venera constante amor rendido,
o valor mais capaz de ser querido
o saber mais capaz de ser louvado.
Se pudera o valor ser retratado,
se pudera o saber ser esculpido,
rendera a cópia só todo o sentido,
vencera a cópia só todo o cuidado.
Mas quem quiser em fim render-lhe a palma
tendo o melhor treslado por motivo,
e vendo tudo junto no aparente,
Veja, se pode ser, de Célia a alma,
verá tudo pintado tanto ao vivo
como vivo o pintado eternamente.

Rimas varias de la madre Soror Violante del Cielo
(Ruan, 1646). *Rimas varias* (ed. Margarida Vieira
Mendes), Lisboa: Presença, 1994.

3. Maria do Céu (1658-1753)

*Sextilhas e oitavas sobre o pensamento de Vieira [Terceiro Sermão do 1.º Domingo do Advento]:
«Tudo passa para o tempo, nada passa para a conta», de Soror Maria do Céu .
Ms. 348 da Biblioteca Nacional de Lisboa, fls. 177-181.*

Passam as horas voando
passam os dias correndo
passam semanas vencendo
passam os meses andando
passam os anos passando
passam segres sem taça

Tudo passa

Passa-lhe a alva ao dia
passa-lhe também a Aurora
passa-lhe do sol a hora
e passa-lhe a tarde fria
passa-lhe a noite sombria
de tanta luz ameaça

Tudo passa

Passou de Dido a história
passou de Cartago o forte
passou de César a sorte
passou de Alexandre a glória
passou de Tróia a memória
de Helena a beleza e graça

Tudo passa

Passou de Raquel querida
tanta perfeição brilhante
passou de Jacob amante
tanta fineza oferecida
passou de Ester — a florida
beleza — que ao Rei enlaça

Tudo passa

Passa o cetro dominante
passa a mitra pretendida
a tiara esclarecida
a púrpura relevante
tudo passa em um instante
quando assim a morte traça

Tudo passa

Passou de Assuero o prato
que a terra e o mar convida
passou de Xerxes a lida
passou de Dario o trato
passou com o tempo ingrato
tanta pompa por fumaça

Tudo passa

Passam os bens por momentos
passam os gostos voantes
as fortunas por instantes
as glórias por pensamentos
tudo voa como os ventos
que é ar quando o mundo abraça

Tudo passa

Passou de Crespo o tesouro
passou de Anfião o canto
passou de Circe o encanto
passou de Midas o ouro
de si mesmo a vida agouro
tudo consigo traspassa

Tudo passa

Passa o homem ao sopro só
da morte que é ar violento
e como chega esse vento
logo se desfaz em pó
se queres pergunta a Jó
o como este ser se passa

Tudo passa

Não passa para a conta

Em aquele estreito passo
aquele juízo horrível
aquele aperto terrível
aquele fatal trespasso
aquele apertado laço
adonde a alma se caça

Não passa

Em aquele breve ponto
donde a eternidade vai
aquele afogado ai
aquele miúdo conto
donde não há contraponto
aonde não há trapaça

Não passa

Em aquela amarga conta
donde sem fazer ruído
o pensamento escondido
já declarado se conta
ali adonde faz monta
'té uma palavra escassa

Nada passa

Não passa por derradeiro
um pensamento em tal tento
— se não passa um pensamento
direi não passa um argueiro
o átomo mais ligeiro
naquela rede se caça

Nada passa

Não passa culpa — presumo
e é de fé que se creia
nem miúda como areia
nem desfeita como fumo
ali em breve resumo
tudo vai àquela praça

Nada passa

Não passa a folha — pesar
é em tão leve entidade
que se prende a vaidade
adonde se apalpa o ar
por vão não pode passar
por mais que o vento a desfaça

Nada passa

O Cristal não passa não
ali — que em momento tal
para manchar um cristal
basta uma respiração
o mais limpo coração
aquela luz repassa

Nada passa

Gota não pode passar
de culpa — que ali se brota
donde não passa uma gota
como há de passar um mar
se nesse mar se afogar
tua esperança ou desgraça

Nada passa

Não passa — nisto porfio
nem o fio mais delgado
que por ali um fio há bastado
para pôr-te por um fio
da conta o livre alvedrio
de como nele se enlaça

Nada passa

Não passa nem o diamante
que sem valor lhe tal medra
sobre firmezas de pedra
lhe examinas leis de amante
a pureza mais constante
inda que pedra se faça

Nada passa

Não passam para que o tomem
os nadas que assim parecem
pois neste exame aparecem
se em outro exame se somem
este nada passa ó homem
pela memória repassa

Nada passa

Mortal pois passa tudo — ó vida avara
homem — pois nada passa nem se escusa
como te prendes — donde nada pára
como te delinques donde tudo acusa
como tua importância não repara
o que tua loucura não recusa
responde-me na dúvida bem posta
mas quem não tem razão — não tem resposta

Posto que sem resposta me lastimas
a perguntar-te torno — por si mudas
quando a vida pegado em que te afirmas
quando a conta esquecido — no que cuidas
que tens vida imortal aqui confirmas
o que alma mortal tens — no que descuidas
ó homem torna logo de essa calma
que vida mortal tens — e imortal alma

Como aqui — te pergunta — meu gemido
porque já só te falo por lamento
como quando da vida tens sentido
não tens dize — da alma sentimento
dói-te dize — um suspiro mal perdido
e não te dói um superior alento
ó dói-te — de tua alma em melhor medra
alma a fizeram não a faças pedra

Desculpar-te ousarás no transe amargo
dirás — eu não cuidei — na ardente via
não mortal — porque ali — não há descargo
homem não — porque ali — não há mentira
na vera acusação no grave cargo
nem a ti tens por ti — tudo te atira
quem poderá valer-te em tal artigo
se a ti próprio te tens por inimigo

Na hora que parou — na parca horrível
é o temor da conta — o susto forte
vê quão cruel será e quão terrível
o que pesa na morte — mais que a morte
qual estarás — do golpe no possível
qual ficarás na dúvida da sorte
dize ó mortal — que como humano gemes
se o juízo não temes — o que temes

Se cuidas que está longe a despedida
deste alento vital — te enganas antes
de instantes se compõe a nossa vida
quem de instantes se faz é por instantes
nestes mesmos minutos que é tecida
a minutos se gasta — são voantes
olha que a conta é larga a vida escassa
tudo passa mortal — e nada passa

Sextilhas e oitavas sobre o pensamento de Vieira [Terceiro Sermão do 1º. Domingo do Advento]: «Tudo passa para o tempo, nada passa para a conta», de Soror Maria do Céu [1658-1753]. Ms. 348 da Biblioteca Nacional de Lisboa, fls. 177-181.

4. Maria de Mesquita Pimentel (1598-1661)

33.

Desta arte busca a mãe o filho amado,
Que o coração de dor, e amor lhe parte
E o justo sentimento, magoado,
A piadosa aflição c'ó Céu reparte.
O soberano esposo angustiado
Com seu tormento vai por outra parte
Buscando aquele Deus, que é a ventura,
Que é o perfeito bem, que sempre dura.

34.

Torna pelo caminho donde veio,
Já cego de chorar, perdido o tino,
Sem dar fé do que vê, nem tomar meio,
Com que cure o discreto desatino:
Sem pôr a queixas nem a mágoas freio,
Não faz mais que bradar pelo minino,
Dizendo: Adonde estais, doce esperança,
Que sem vos ver minha alma não descansa?

35.

Fugis de quem chegando a conhecer-vos
Mereceu desejar sempre adorar-vos?
E consentis que chegue eu a perder-vos,
Depois que em sumo grau cheguei a amar-vos?
Não pode meu amor, Senhor, mover-vos,
Com o qual em doze anos de criar-vos,
Vos sustentei, e dei sempre a comida,
Ganhada c'ó suor de minha vida?

36

Não vos lembra, dizei, suma beleza,
Quantas vezes me estava suspendendo,
Quando vos via em minha pobre mesa,
Sendo Deus imortal, estar comendo?
Tomando nos desmaios da fraqueza
O sustento de estar-me em vós revendo,
E não buscando outra água na secura
Mais que a fonte de vossa fermosura?

37.

Não vos lembra, Senhor, como velavam
Meus olhos sobre vós, noites inteiras?
E que as aves na aurora publicavam
Excessos deste amor, como palmeiras?
Não vos lembra, que os dias se passavam,
Traçando neles eu de mil maneiras,
Obras, em que o querer mais vos mostrasse
Em que mais vos servisse, e adorasse?

38.

Mas ai, que o certo é, meu bem perdido,
Dardes-me este castigo justamente,
Porque nunca de mi fostes servido,
Como à vossa grandeza era decente!
Por este erro de mim tão conhecido,
Perdão vos peço agora reverente,
Tornai, rico tesouro, amada prenda
Tornai, que vos vereis a minha emenda.

39

Ai, doce filho meu, que estou sentindo
Uma dor que me fere, e que me corta,
Porque vos represento andar pedindo
O sustento vital de porta em porta!
E que mui severamente despedindo
Quem na alma tem a piedade morta,
Vos irá, meu amor; e vós gemendo
De fome e mais de sede ireis morrendo.

40.

Assi entre temores e esperança
Quanto já tinha andado, desandava,
E por mais que caminha, e que se cansa,
O minino perdido não achava.
Com ele dentro n'alma, e na lembrança
Entra em Jerusalém, adonde andava
Sua celestial esposa amada
Buscando a divindade, disfarçada.

41.

Agora é bem mudar, Musa, entretendo
Que caminha José de pena mudo,
Com as cordas as vozes de meu canto
Tocando já no grave já no agudo:
Do filho alto Padre eterno e santo,
A quem não perdeu culpa nem descuido,
Cantemos, e o que obrou enquanto ausente,
Perdido por amores docemente.

42.

Como o supremo amor, que já *ab aeterno*
Nessa esfera de seu peito divino
Tanto quis acender o fogo interno,
Até que fez fazer a Deus minino,
O visse já em idade de governo,
Para o mundo gozar favor benino;
Logo a chama mostrou, que nele ardia,
Em lança de imortal sabedoria.

Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor. (Fabio Mario da Silva (org.), São Paulo: Todas as Musas, 2016, canto X.